

## FEUFFREIRE: DIÁLOGOS ENTRE EX-ALUNOS

Marcia Maria e Silva  
Marta Maia  
Viviane Merlim Moraes<sup>i</sup>

### RESUMO

Relatos autobiográficos, compartilhados em abril de 2021, no encontro comemorativo FEUFFREIRE: diálogo com ex-alunos da Faculdade de Educação da UFF são apresentados em comemoração dos 100 anos de nascimento de Paulo Freire. O objetivo é retratar a presença de seu pensamento nas trajetórias de vida, formação e profissão.

**Palavras-chave:** narrativas; formação de professores; pensamento freireano.

### INTRODUÇÃO

O desejo de escrever esse ensaio surgiu após a realização de uma atividade desenvolvida no âmbito do projeto “**Festival Paulo Freire: 100 anos de luta e esperança**”, idealizado inicialmente pela coordenação do Curso de Pedagogia e organizado por uma comissão composta por docentes e discentes da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (FEUFF), da qual nós três fazemos parte. Dentre as muitas atividades previstas para este ano, no qual o patrono da educação brasileira comemora cem anos de nascimento, ocorreu-nos a ideia de reunirmos estudantes que estiveram presentes na cerimônia de outorga do título de *doutor honoris causa*, pela UFF ao Paulo Freire, no ano de 1996.

Diante desse movimento comemorativo, colocamo-nos à procura de nossos contemporâneos, que estiveram presentes naquele evento, cursando pedagogia ou outra licenciatura naquele período, e que entendessem o significado de Paulo Freire em suas trajetórias profissionais e pessoais. Assim, formamos um grupo de aproximadamente trinta ex-alunos e começamos a organização coletiva de um encontro que viabilizasse o diálogo entre nossa geração de pedagogos e a geração atual, em formação: estudantes de pedagogia ou outra licenciatura na FEUFF, no tempo presente. Tal encontro

aconteceu sob a forma de uma roda de conversa virtual, devido à pandemia do coronavírus e da necessidade de isolamento físico, na manhã do dia vinte e nove de abril do ano em curso, e contou com a presença de quarenta pessoas. Nesse dia, foram mobilizados muitos afetos, por meio de memórias, música, poesia e narrativas muito emocionadas e emocionantes, bem alinhadas à perspectiva da amorosidade que aprendemos com nosso patrono. Éramos quinze profissionais da educação: seis professoras da FEUFF, seis profissionais da rede de Niterói, sendo que um também da rede de Caxias, dois de Maricá, e um da rede estadual.

Para explicar a opção pela escrita de um texto sob a forma do diálogo, entendido como conceito freireano que norteia não somente nossas práticas docentes, como nosso modo de ser-estar no mundo, retomamos um trecho da obra *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*, de Paulo Freire e Ira Shor (1986, p. 11):

PAULO. Outro aspecto muito importante de fazer um livro falado é que o diálogo é, em si, criativo e recreativo. Isto é, em última análise, você está se recriando no diálogo de forma mais ampla do que quando você escreve, solitário, em seu escritório ou em sua pequena biblioteca. E do ponto de vista humano, a necessidade de dialogar é tão grande que, quando o escritor está sozinho na biblioteca, olhando as folhas em branco à sua frente, precisa, pelo menos mentalmente, chegar até os possíveis leitores do livro, mesmo que não haja chance alguma de vir a conhecê-los algum dia. O escritor precisa conhecer e interagir com o remoto leitor que provavelmente lerá seu livro quando ele próprio não mais exista. Em nosso caso, aqui, estamos, simbolicamente, diante de inúmeros leitores desconhecidos; mas nós estamos um diante do outro, você e eu. Em certo sentido, sou desde já seu leitor e, desde já, você é meu leitor. Na medida em que, enquanto falamos, somos o leitor um do outro, leitores de nossas próprias falas, o que ocorre aqui é que cada um de nós é estimulado a pensar e a repensar o pensamento do outro. Assim, creio que nisto repousa a dimensão fundamental da riqueza de um intercâmbio como este. Essa possibilidade comum de nos lermos antes de escrever talvez melhore o que escrevemos, porque nessa interação podemos nos transformar no momento mesmo do diálogo. Em última análise, dialogar não é só dizer “Bom dia, como vai?” O diálogo pertence à natureza do ser humano, enquanto ser de comunicação. O diálogo sela o ato de aprender, que nunca é individual, embora tenha uma dimensão individual.

Desta forma, a proposta de trazer para a escrita o que vivenciamos coletivamente naquela roda de conversa surge imersa nesta perspectiva, no estabelecimento de um diálogo horizontalizado entre ex-alunos com os

estudantes que estão neste lugar, no momento presente. O resgate de nossas memórias, mediatizado pela influência de Paulo Freire em nossa formação inicial e atuação profissional foi o eixo que desencadeou um processo esperançoso, tal como preconizado por nossa referência, um processo de denúncia e anúncio, no qual diferentes *espaçostempos* se encontram na luta por uma educação pública de qualidade para todos e todas.

(Re)encontramo-nos aqui, três professoras da FEUFF, que atuam no mesmo departamento, com trajetórias anteriores que nos constituíram ao mesmo tempo, de forma tão semelhante e tão singular. Todas pedagogas formadas pela FEUFF, atuamos em diferentes campos, mas fomos novamente contemporâneas em outro espaço de atuação: a rede municipal de educação de Niterói. Cada qual com a sua história, suas práticas, mas com um propósito semelhante: a construção de uma educação como ato político, amoroso, esperançoso, dialógico e emancipatório.

Seguiremos as próximas linhas traçando o seguinte percurso: como as nossas narrativas autobiográficas conversam com os conceitos freireanos e de que modo se expressam em nosso *fazerpensarfazer*. Em um segundo momento, traremos os relatos produzidos no dia da roda de conversa, sob a forma de um diálogo com os principais conceitos, temas e reflexões de Paulo Freire. Convidamos vocês a nos seguir neste texto-ação, refazendo também seus percursos.

## **AUTOBIOGRAFIA EM DIÁLOGO COM A PEDAGOGIA DA ESPERANÇA**

Nossa opção em iniciar este ensaio a partir das narrativas de nossa autobiografia se fez a partir do entendimento da centralidade de nossas experiências pessoais, na constituição da nossa trajetória profissional, que permitiu o reencontro e a realização de uma proposta de trabalho comum. Como um texto mais distanciado dos convencionais, o conhecimento produzido com base nas narrativas se sustenta em uma história, sua verdade - que não se propõe única e superior - bem como na identificação com outras histórias. Concordamos com Lima, Corinta Geraldi e João Geraldi (2015, p.26-27) quando afirmam que tais pressupostos

[...] visam à reconstituição da história de uma pessoa (ou de si próprio no caso das autobiografias) e que possibilitam o encontro

do narrador com o(s) seu(s) eu(s) ou do biógrafo/narrador com os vários “eus” de sua personagem. Na autobiografia, os dados empíricos são coletados por pesquisadores que se tornam os próprios objetos do estudo e fazem uma escrita de si e sobre si no processo de formação. Essas pesquisas permitem produzir uma compreensão do sujeito e de sua formação por meio das narrativas de vida. Apresentam semelhanças com os depoimentos da história oral, mas em vez de fatos ou eventos, fazem emergir os sujeitos. Os fatos ou eventos rememorados são subprodutos das histórias dos sujeitos.

**MÁRCIA MARIA:** A importância de Freire na minha história de vida, formação e atuação profissional antecede meu encontro formal com as suas ideias, na Faculdade de Educação, entre os anos 1992 e 2002 período que compreendeu a graduação e o mestrado. Em 1963, Paulo Freire já revolucionava a história da educação com seu projeto de alfabetização de jovens e adultos em Angicos, RN (UFERSA, 2016). Nessa década, entre os 3 e 7 anos, fui introduzida na vida escolar: Jardim de infância e depois escola primária. Nesse mundo novo e estranho para uma criança, que até então vivia imersa exclusivamente em ambiente familiar, enfrentei, como muitas crianças, medos que inibiram por algum tempo as interações no contexto escolar e a leveza que se poderia esperar de uma pessoa, no início da vida. A conexão entre o mundo da escola e a realidade à qual eu pertencia pareciam se incompatibilizar. Apesar de esse estranhamento não ter interferido diretamente no meu processo de aquisição da escrita, a falta de estratégias da escola para ativar, desde cedo, meu senso de pertencimento àquele cotidiano, marcaram minhas experiências de leitura do mundo e da palavra. As professoras mais presentes em minhas boas memórias de escola são aquelas que, talvez, soubessem, ao menos intuitivamente, que "a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura de mundo, mas por uma certa forma de escrevê-lo ou de reescrevê-lo, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente" (FREIRE, 2003a, p.20) e, em decorrência, compreender que, para os estudantes aprenderem, era importante vê-los "expressando a sua real linguagem, os seus anseios, as suas inquietações, as suas reivindicações, os seus sonhos. Deveriam vir carregadas da significação de sua experiência existencial e não da experiência do educador" (FREIRE, 2003a, p.20). A escola era um ambiente preponderantemente controlador das manifestações estudantis, dos silêncios e das falas, preparado para validar ou invalidar pessoas por critérios classificatórios, sendo base de observação a reprodução de conteúdos, o comportamento diligente tal qual apresentavam "As Formigas" de Bilac (1929). Para Freire, a educação é potente e pode nos libertar do assujeitamento, que oprime. Freire (2003a, p.11-12) sabia que "linguagem e realidade se prendem dinamicamente". A compreensão crítica do mundo e dos textos que a escola oferecia se dão em uma relação de interdependência e complementaridade. Minha *experiência existencial*, desde muito cedo, foi

marcada pelas experiências de leitura na escola e em família, nem sempre articuladas como *palavramundo*. Foi meu pai que, despretensiosamente, tendo completado sua escolarização tardiamente a partir de políticas de educação de jovens e adultos, me impulsionou a escrever regularmente sobre minhas memórias de vida diária, sem necessariamente vincular a escrita à obrigatoriedade escolar. É Freire quem, anos depois, me faz ratificar a importância do ato de ler em articulação com as experiências mais simples e cotidianas dos tempos de infância e juventude. Ele escreve: "Me vejo então na casa mediana em que nasci, no Recife, rodeada de árvores, algumas delas como se fossem gente, tal a intimidade entre nós..." "o sítio das avencas de minha mãe..." "...os textos, as palavras, as letras... as ventanias... trovões, relâmpagos... As almas penadas precisavam da escuridão ou da semi-escuridão para aparecer... Me lembro das noites envolvido nos meus próprios medos, esperava que o tempo passasse, que a noite se fosse..." (FREIRE, 2003a, p. 11-14). Sua defesa era de que a alfabetização se desse a partir do universo vocabular do aprendiz. Esta foi uma abordagem metodológica que permitiu ensinar, com sucesso, muitos alunos. Muito tempo depois, já formada em Letras, lecionando língua portuguesa no ensino fundamental e médio, em contato direto com os estudantes que, por inúmeras razões, nem sempre perceptíveis para eles e para mim, inibiam-se diante das possibilidades criativas do ato de ler e escrever o mundo e a palavra. Fui tomada por uma certa indignação contra a inércia do sistema escolar que descredenciou, inibiu, desacreditou e desconheceu as singularidades em seus processos contínuos de alfabetização e leitura-escrita em diferentes etapas da vida. Então, ousando reinventar-me, como docente, nesse contexto, entre estudos e experimentações de outros modos de interagir e *ensinaraprender* a realizar aula como acontecimento (GERALDI, 2010), já cursando Pedagogia na UFF como segunda graduação, escrevi uma narrativa literária, crítica à escola e aos seus discursos idealizados sobre o prazer de ler. Segue o texto na íntegra:

#### Memórias de uma jovem leitora (Resposta a uma provocação)

Nunca li muito. Os autores a que fui apresentada, não os amei de primeira. Meu pai, homem simples, comprou para os seus sete várias coleções: Machado de Assis, Tesouro da Juventude, Delta Larousse, Delta Júnior, Caldas Aulete, História Geral e do Brasil, Ciências Naturais, Contos... outras. Esses livros li pouco. Aos doze ele tentou me persuadir: Menina, leia! Helena! Machado! Não gostei. Na escola, certa vez, Júlio Verne, introduzido pela goela abaixo. Não gostei. Do que gostava? Respondo. Hoje sei. Lia os olhares, os movimentos, as palavras, meu silêncio, o seu silêncio, os excessos, a escassez, a voz, o tom, a beleza, a feiura, os jacarés nas paredes do meu quarto em noites escuras, o medo, o aconchego de mãe, as brincadeiras de pai, os gritos, a música, a cor, as limitações, alguns livros... Agatha Christie. Meu irmão gostava... Era chato, no início. Depois... Hercule Poirot. Ainda hoje estudo pra descobrir... quem é o assassino? Aos poucos, outros foram chegando: Sidney Sheldon, Danielle Steel, Herman Hesse, Gibran, Kundera, Richard Bach, Oswald, Clarice, Drummond, Mário, outros. Com insistência. Gostava mesmo era de ouvir tudo e todos. Pouco falava, mais ouvia e via, por dentro. Assim fazia sem o saber. Até hoje. Sei. Assim fui lendo. Lia o que vinha escrito nas pessoas, nos objetos, nas ações, nos

livros. Hoje sou leitora consagrada? Estudada. Apta? Sim. Apta. Leio crianças, adolescentes, adultos. Procurando compreendê-los nos livros e fora deles. Percebo as ressonâncias do discurso falso de que se ensina a ler, reconheço o martírio: ler é necessário, vamos! Leia! Responda às perguntas! Como você não entendeu? Onde está com a cabeça? Eu sei, responderia. Sua cabeça está provavelmente nas estrelas, observando-as; nos olhares; nas ausências; nas cores; no beijo; na dor; na vida; além do óbvio. Perguntaria: Você ainda não leu?

Tempos depois encontrei no poema *Aula de leitura* Ricardo Azevedo (2019), o diálogo que minha narrativa literária buscava travar com a sociedade, texto que recomendo a todos os leitores e mediadores de leitura, isto é, a todos os professores e pedagogos. A experiência na Pedagogia UFF foi decisiva, transformadora, arrebatadora, eu diria. Nem mesmo a primeira graduação em universidade pública alcançou tal abrangência no campo da educação, ainda que fosse clara a altíssima qualidade do primeiro curso e dos professores dele. Eu era docente em uma escola pública e privada em Angra dos Reis, quando, certo dia, entre idas e vindas pela estrada Rio-Santos, li, em um *outdoor*, uma chamada para o vestibular, naquela cidade. As antigas e regulares inquietações me levaram a seguir os trâmites. Passei, então, a fazer parte da primeira turma de Pedagogia - UFF. Muitas aprendizagens. Enfim, um exemplo de articulação significativa e coerente, teoricamente sustentada, entre forma e conteúdo: singularidade, densidade teórica, criatividade, estudo dirigido, autoria, heterogeneidade, inclusão social, crítica à educação bancária, *práxis*, artistagem (CORAZZA, 2002), leveza e horizontalidade nas relações entre estudantes e professores, movimentos culturais como parte da formação. O pensamento de Freire esteve todo tempo presente na base de estruturação do curso. A linguagem freireana era constitutiva do curso e das relações. Com o tempo foi ficando nítido para mim o alcance de suas ideias para a mudança que eu reconhecia como necessária. Freire, assim como a UFF, me deram e ainda me dão sustentação, pelo exemplo, de como ensinar e aprender. Freire, em diálogo com Shor (1986) assim como estamos aqui eu, Marta e Viviane, disse sobre o método dialógico o que destaco como chave de reflexão nestas linhas autobiográficas de vida, formação e atuação profissional:

Esta é, exatamente, a questão! Eu poderia ampliar o que você diz numa linguagem conceitual dizendo, por exemplo, que o educador refaz a sua “cognosibilidade” através da “cognosibilidade” dos educandos. Isto é, a capacidade do educador de conhecer o objeto refaz-se, a cada vez, através da própria capacidade de conhecer dos alunos, do desenvolvimento de sua compreensão crítica. O que é o diálogo, nesta forma de conhecimento? Precisamente essa conexão, essa relação epistemológica. O objeto a ser conhecido, num dado lugar, vincula esses dois sujeitos cognitivos, levando-os a refletir juntos sobre o objeto. O diálogo é a confirmação conjunta do professor e dos alunos no ato comum de conhecer e reconhecer o objeto de estudo. Então, em vez de transferir o conhecimento estaticamente, como se fosse uma posse fixa do

professor, o diálogo requer uma aproximação dinâmica na direção do objeto (FREIRE, 1986 p.65).

**MARTA:** Quando me propus a identificar meu encontro com Paulo Freire, me reporte ao marcante encontro com a sua obra. Identifiquei que o encontro se deu quando a menina de 16 anos, uma jovem normalista entusiasmada e animada com seus sonhos de futura educadora, recebe a indicação de ler *Educação como Prática da Liberdade* (1983a) e *Pedagogia do Oprimido* (1983b). Leituras difíceis de serem compreendidas pela menina, mas que fizeram parte de toda a minha trajetória desde então e que foram sendo acrescidas de outros títulos de Freire na estante, de outras oportunidades de encontro com a filosofia freiriana. Agora, retomando meu encontro com Paulo Freire para esse nosso texto-diálogo a três, começo a puxar na memória que ele talvez tenha entrado na minha vida por duas vertentes anteriormente ao encontro com a sua obra. Uma vertente é a vivência religiosa popular ainda na infância e na pré-adolescência numa igreja católica que se autodenominava uma Comunidade Missionária. O padre era um tanto quanto progressista e a juventude tinha protagonismo, em plena ditadura militar, anos 1970. A liderança dos jovens que sonhavam um país democrático, se baseava numa relação dialógica, pouco hierarquizada ou pouco adultocêntrica, na qual os temas sociais e políticos transitavam entre os temas evangélicos. Hoje percebo como aquelas pessoas, sujeitos políticos, atuaram na minha consciência. Na época eu não sabia que havia algo incrível acontecendo, não tinha a dimensão política. Era uma curiosa, agitada e falante menina de um bairro pobre que começava a ver o mundo em diálogo com a utopia libertária daqueles jovens. Hoje reconheço naquela experiência a educação popular, dialógica, freiriana que falava de Deus e também de opressão, que falava do milagre da multiplicação dos pães e também da fome, que falava de céu e também das condições objetivas de vida enquanto ríamos, brincávamos, líamos, cantávamos e vivíamos uma convivência em coletivo. A outra vertente é anterior e mais próxima. Vejo no meu pai, um trabalhador que retorna aos bancos escolares aos quarenta e dois anos - quando eu nasci, pois precisava adquirir melhores condições de sustento de sua grande família. Cresci vendo aquele homem estudar em todos os seus raros horários vagos. Em meio a uma pequena casa cheia de crianças, ele estudava com dedicação. Fui ninada, quando bebê, dividindo o seu colo com o livro e as anotações das aulas. Ele foi um aluno dos cursos supletivos noturnos que logo chegou ao curso de formação de professores em nível superior em uma faculdade privada local. Numa época sem financiamento estudantil, no início dos anos 1970, concluiu o curso em débito com a instituição que fazia acordo individual com os alunos para que acabassem de pagar o curso depois de formados. Assim, o trabalhador escriturário do dia se tornou também professor de cursos de contabilidade em escolas privadas periféricas. Seus alunos eram ele anos antes, jovens trabalhadores em busca de uma melhor condição de vida.

E com ele aprendi a conhecer, respeitar e valorizar as histórias de vida dos alunos, a precisar fazer o esforço de compreender suas estratégias de sobrevivência e estudo. Como eram escolas privadas para pobres, (sim, para pobres!), nos dias de provas as direções só permitiam a entrada com as mensalidades quitadas. Quem perdesse as provas, além de quitar as mensalidades, pagaria pela nova aplicação de prova. Isso revoltava meu pai ao extremo e lembro dele receber os alunos em nossa casa para que fizessem a prova da sua disciplina, com todo o rigor que teria na sala de aula. Estratégia de resistência ao poder capitalista excludente. Com ele aprendi que a docência é cúmplice dos alunos, sem perder a rigorosidade ética. Meu pai não leu Paulo Freire, mas tinha a sua amorosidade dialógica com os alunos, mas isso eu não sabia na época. Paulo Freire também esteve na minha vida de estudante de escola pública. Na escola que estudei, e fiz o então 1º grau, aprendi a formar e a cantar todos os hinos, mas também fui acolhida, também aprendi a interpretar textos com as músicas do Chico, aprendi sobre as lutas sociais com as greves dos meus professores, aprendi a dividir e a somar nas relações estabelecidas numa escola democrática em plena ditadura militar. Meus professores provavelmente não tinham lido Paulo Freire até aqueles dias de repressão, censura e exílio. No curso normal eu me encontro tentando compreender o texto das obras de Freire, tarefa árdua para a adolescente. Já na docência em educação infantil e anos iniciais do ensino Fundamental e EJA, reencontro Freire em muitos momentos. Desde a inquietude diante das desigualdades, às dificuldades encontradas, ao compromisso com o direito ao conhecimento e este como forma de conscientização. Acabei seguindo a trajetória de meu pai, cursando a faculdade já com minha família estabelecida, depois de quinze anos de vida profissional. Na faculdade me encontro com Paulo Freire em diversos momentos e ali, em conjunto com outros autores, a visão de mundo se amplia. O compromisso ético-político-amoroso ganha contornos teóricos. Na pós-graduação lato-sensu “Alfabetização das crianças das classes populares”, realizada na FEUFF, se afirma o Freire como alfabetizador do povo de pé no chão e também como o teórico do esperar. Nos anos de mestrado e doutorado, mais uma vez, Freire se torna um autor para estudo. *Pedagogia do Oprimido* (1983b) e *Educação como Prática da Liberdade* (1983a), além de *Medo e Ousadia* (2003), são fonte de estudo no encontro com Bakhtin e Martin Buber, esses autores lidos também por Freire. Esses atravessamentos freirianos de vida vão dando contornos teórico-práticos a professora, mas também a pessoa, sujeito no mundo, com o mundo e suas contradições e desafios. Atravessamentos que permitem que os mesmos exemplares adquiridos aos 16 anos sejam, nos últimos dez anos, também manuseados, marcados, lidos, relidos pelos meus filhos. Filhos que cresceram vendo a mãe correr entre casa-trabalho-estudo, mãe-professora-aluna e hoje são professores de redes públicas e têm o amor-esperança-compromisso-luta aprendido com Paulo Freire como referência teórico-prática.

**VIVIANE:** Ingressei no curso normal, por imposição de minha mãe, aos 14 anos de idade. Eu sonhava em ser jornalista, e pretendia cursar a escola técnica de comunicação. Todavia, meus planos foram frustrados, quando me disse que, como eu era mulher, deveria ser professora, porque se eu viesse a casar com um homem que não me deixasse trabalhar, professora ele me deixaria ser. Logo ela, mulher que sempre trabalhou fora, independente financeiramente, e... professora! E assim comecei, meio a contragosto, minha jornada no magistério e nos estudos feministas. Mesmo sem jeito para muitas demandas que o tecnicismo do curso normal da escola em que estudei me impunha - tinha uma história de fazer pasta de estágio, de efemérides, desenhos, pinturas, coisas desse tipo -, o contato com as discussões do campo educacional me chamara a atenção. Gostei. Ao mesmo tempo, comecei a trabalhar como auxiliar na educação infantil. E as crianças...ah! Conclusão: foi amor. Não havia tido, até aquele momento, contato com escolas públicas, pois vivi a realidade de estudante e essa iniciação profissional em instituições privadas. Entrei na FEUFF em 1996, para cursar pedagogia. Já descartara o sonho de ser jornalista: a educação havia me fisgado. Posso dizer que a vivência na universidade pública mudou minha vida! Fui a primeira pessoa da minha família a adentrar nesse espaço. Fiz meus nove períodos de curso, sempre muito dedicada, dividindo-me entre a graduação, o trabalho e minha família. Ao término do curso, a escola na qual atuava faliu e fiquei desempregada. Trabalhei como artesã por um ano, sempre atenta às leituras, prestei alguns concursos públicos, e fui aprovada para a rede estadual do RJ, ainda no ano 2001, sendo convocada apenas em 2002. Comecei realmente a me tornar professora e pedagoga no Colégio Estadual Pandiá Calógeras, em São Gonçalo. Uma escola enorme, com aproximadamente 40 alunos em minha turma, em diferentes etapas dos seus processos de aprendizagens, com diferentes histórias, de diferentes origens. Conheci de fato a pobreza, o abandono, a crueldade a qual muitas crianças brasileiras estavam e ainda estão submetidas. Foi naquele espaço que realmente entendi muitas leituras que fiz na graduação, sobretudo as de Paulo Freire. Permaneci na escola por três anos, tendo a oportunidade de também atuar no curso normal, como professora das disciplinas de educação infantil, alfabetização e de metodologia para o ensino fundamental. Minhas alunas-professorandas que estudavam à tarde, estagiavam na minha turma dos anos iniciais, pela manhã. Era aquele o sentido da *práxis*! Tive a oportunidade de acompanhar aquelas crianças do 3º ao 5º ano de escolaridade. Criamos uma parceria, uma relação baseada no *diálogo*, na *amorosidade*, no debate franco, transparente. Aprendi mais do que ensinei. Mais do que vê-los crescer e alfabetizá-los - sim, mais da metade da turma chegara ao 3º ano sem saber a *leitura da palavra*, embora fossem muito competentes em suas *leituras de mundo* - eles me ensinaram a ser professora, comprometida com a realidade, com a história e a vida de cada um, assim como com a escola e a educação pública, gratuita, democrática, laica e de qualidade para todos. Sofri em vê-los ir para o 6º ano e em sair da escola. Depois do nascimento de meu segundo filho, retornei

à UFF, fiz uma especialização, pedi exoneração da rede estadual e ingressei, ao mesmo tempo, em duas redes municipais como orientadora educacional: em São Gonçalo e em Niterói. Aprendi muitas outras coisas, em tantos outros *espaçotempos*. Atuei com a educação infantil, desde a creche; novamente com os anos iniciais do ensino fundamental; e pela primeira vez com a EJA, em uma comunidade extremamente carente e violenta. Mais uma vez a crueza da realidade se colocou diante dos meus olhos, do meu fazer cotidiano e Paulo Freire foi, ao mesmo tempo, colo e bússola. Mais do que nunca eu via como nossa sociedade e educação excludentes, sob um viés *bancário*, produziu o fracasso e abandono escolar daqueles estudantes, ou seja, o sistema expulsou da escola muitos daqueles jovens e adultos no período de escolarização regular. Retornei mais uma vez à UFF para o mestrado em educação, para discutir que cidadania é essa que cabe à educação promover e, em 2008, ao finalizá-lo, assumi a direção de uma escola municipal em Niterói. Um novo desafio, uma escola nova em um prédio antigo, muitos problemas, dúvidas, parcerias, *diálogo*, *utopia*, trabalho em equipe, árduo e gratificante, embasado em muita *esperança na ação!* Mais uma exoneração, desta vez, do município de São Gonçalo, pois neste mesmo ano obtive a minha segunda matrícula em Niterói, como professora. Também ingressei no magistério superior. Ano de muito trabalho em três turnos e aos sábados, marido desempregado, dois filhos pequenos, estudos madrugadas adentro. Fiz-me realmente mulher nesse momento, cada vez mais ciente das relações perversas e desiguais contra as quais temos que cotidianamente nos insurgir, uma vez que a sociedade patriarcal, misógina e machista da qual fazemos parte nos impõe também o trabalho doméstico não-remunerado como algo natural, oriundo do nosso amor à família. Mais uma vez Paulo se fez presente, ligando cada vez mais meu ser-estar no mundo, fazendo-me compreender a impossibilidade de dissociar minha vida pessoal da profissional, assim como a necessidade de assumir que minha atuação nos diferentes espaços pelos quais transito é também *ato político*. O feminismo aprofundou em mim ainda mais essa certeza. Diante de algumas decepções com os encaminhamentos do órgão central da educação no município, bem como diante do falseamento que eu percebia no discurso da gestão democrática que era pronunciado, mas não experienciado, fiz concurso para a Marinha do Brasil e passei! Logo eu, que odeio regras, normas, padrões...fui lá ser pedagoga, cargo técnico da área militar por dois anos. Foram anos de aprendizado intenso, difícil e doloroso, mas importantes para que eu pudesse ter a completa certeza de qual era meu lugar: o de mulher-mãe-profissional da escola pública-pesquisadora. Pedi baixa e voltei para uma das matrículas de Niterói, da qual havia me licenciado sem remuneração. Da outra, como estava em período probatório, foi necessário pedir exoneração. Mais experiências em escolas, no órgão central, muito trabalho, ingresso no doutorado na UFF, decepções, novos aprendizados e a certeza do meu compromisso ético-político como professora e pedagoga me fizeram retornar à escola, dois anos depois. Entre 2015 e 2020 circulei entre a universidade, a direção de outra escola municipal, divergências

políticas e ideológicas, muito diálogo, embates, encontros, até que, após prestar concurso para a docência no ensino superior federal, retorno à UFF, minha casa, como professora do mesmo curso que me formou, vinte anos atrás, para contribuir na formação de novas pedagogas e pedagogos!

## **RELATOS DA RODA DE CONVERSA: ENTRECruzAMENTOS E PERSPECTIVAS**

Antes de passarmos à transcrição do riquíssimo diálogo, que ocorreu na roda de conversa que já apresentamos na introdução, cabe-nos fazer dois breves destaques. Optamos por transcrever apenas os depoimentos dos professores da FEUFF presentes e dos ex-alunos, que conosco compunham a organização do encontro<sup>ii</sup>. Não transcrevemos as falas dos alunos de graduação presentes, por não conseguirmos identificá-los dentre os inscritos, para consultá-los previamente sobre a concessão de autorização para citá-los no presente artigo. Houve dois ex-alunos que participaram ativamente na organização da roda de conversa, mas, que no dia, por razões de ordem pessoal, não puderam estar presentes. Com eles, estabelecemos outra forma de diálogo: com o Jorge, transcrevemos um relato que ele fez, anteriormente, em uma de nossas reuniões de organização, no dia 22 de abril de 2021. Com Ana, propusemos a escrita de seu encontro com Paulo Freire, posto que na primeira reunião, no dia 08 de abril, ela havia feito um belíssimo relato, mas que não atentamos para a necessária gravação como forma de registro daquele momento.

Assim, nossas memórias das vivências de formação e atuação profissional foram provocadas a partir da influência de Paulo Freire em nossas trajetórias. Abaixo, as narrativas foram transcritas e agrupadas em blocos temáticos, escolhidos a partir das abordagens de Paulo Freire em suas obras. Ele, por sua vez, foi por nós convidado ao diálogo que ora estabelecemos, fomentando novas perspectivas para nosso cotidiano.

### **➤ Leitura da palavra e leitura de mundo como instrumentos de luta e libertação:**

**CAMILLA:** Minha carta é aberta, grita ao mundo o que ousou escrever... Desejo começar pela afirmativa: Educação tem lado sim! Já dizia o patrono da Educação de meu país, quando num ato subversivo diante da vida, não a dissocia do

campo político, este para além do lote partidário e compreendido sob a luz da política como ação social. Ação que marcou de forma indelével, toda herança que nos deixou. Todas as marcas corajosas, como aquelas que em quarenta horas foi capaz de lançar, no campo das relações sociais, uma massa desautorizada/autorizada, letrada, alfabetizada, na luta contra os gigantescos currais eleitorais munidos do voto como bandeira de luta. Desde lá, a escolha era a palavra! A palavra capaz de gerar a prática da liberdade nos processos educativos. Sempre coerente com sua obra e com tudo o que pregou, reconhecia críticas, refazia, revisitava seus pensamentos, num movimento de nascimento marcado na trajetória dialógica de reencontro com ela, a palavra! Gritava o convite humilde: “Não me imitem, me refaçam!” Em cada ato/ação nos fez entender a grandeza das divergências e dos processos argumentativos, estes geravam a base de seu movimento instituinte criativo: o acolhimento. Acolheu o mundo! Na extensão gigantesca de sua obra que revisita em outras línguas, a palavra! Sempre precedida pela leitura de mundo e propulsora de sonhos de liberdade até em mandarim. A retórica furiosa nunca foi seu argumento científico. Preconizava a *dialogicidade*. Mais uma vez, a palavra, que na urgência do dia nunca foi unânime. Preferia as que na ordem vocabular traziam: *autonomia*, *liberdade* e *emancipação*, como sinônimos. Foi coerente no início onde a palavra era liberdade e, no final, em sua última obra em que a palavra era autonomia. Hoje e sempre seremos chamados a comemorar, o que quer dizer: lembrar junto, o centenário de vida de alguém que até pra morrer, morre/vive com amigos, Paulo e Darcy, fevereiro e maio de 1997. Hoje, ele vive em cada palavra e encontro dessa gente da qual sou parte, que ousa em tempos nem um pouco gentis, pronunciar um nome: Paulo Reglus Neves Freire, seguido da mais bela de todas as palavras, que hoje pronunciaremos, amorosamente: PRESENTE!

**ANDREA:** Bom dia, atualmente sou coordenadora dos orientadores educacionais da rede municipal de Maricá, mas minha trajetória começou lá atrás. Minha vida foi um processo dialógico, porque meu pai era um burocrata de banco e minha mãe, diretora de escola pública, em Lages, Santa Catarina. Existe até um livro que fala: “Lages, a força do povo”. Então, eram dois pólos bem definidos, e eu cresci dentro dessa *dialogicidade*, né. E aí me formei em comunicação social, trabalhei como assessora de comunicação, trabalhei como assistente de produção de rádio, contato de anúncios, uma trajetória e eu não estava feliz, larguei tudo quando meus pais voltaram a morar no Sul e comecei a buscar a escola, a faculdade de pedagogia na UFF. E eu conheci Paulo Freire. Eu achava que a solução do fracasso escolar eu tinha nas mãos, eu pedi para toda minha família me ajudar, fui trabalhar numa escola pública e aí eu comprei material para todo mundo. Aí eu falei: “agora está tudo estruturado, eu tenho domínio desse processo de alfabetizar”, que era uma coisa que eu amava, que eu amo e achava que eu ia dar uma solução. Quando foi um dia, passou um mês, todos os alunos tinham caderno de casa, caderno de aula, aquela coisa, assim eu falei: “a solução de educação eu tenho nas mãos!”. Quando foi um dia,

um aluno de 6 para 7 anos chegou sem material, e eu, na minha ingenuidade, falei: “como assim? Eu te dei tudo!” E aí ele falou assim: “não, tia, o que acontece, eu estava vendo televisão com minha irmã, de repente fez um fogo, a minha mãe tinha ido trabalhar, eu fico toda manhã com a minha irmã, e a vizinha tirou a gente de dentro de casa, porque a casa pegou fogo”. Aquilo para mim não veio como um balde de água, mas como um meteoro caindo na minha cabeça e assim toda aquela ingenuidade que eu tinha caiu por terra. E aí foi quando eu entendi que não existe ensinar sem aprender. Para mim aquilo foi uma lição de vida, e justamente assim, logo no início do meu processo pedagógico, né, de ensinar, eu aprendi mais do que em toda minha vida tinha aprendido. Então, para quem está começando agora, eu acho que Paulo Freire traz essa questão da *leitura de mundo*, a minha leitura de mundo não era tão profunda, e eu tive que mergulhar realmente, começar a ter uma compreensão maior do que era a realidade desses alunos, entender que eu tinha que partir do que eles conhecem, e não achando que a minha ideia de perfeição era a realidade, porque não era. Eu não tenho as respostas para nada, eu busco. Que a gente possa ir junto. Assim, a *leitura de mundo* precede a *leitura da palavra* e retorna para leitura de mundo. Isso foi para mim a minha lição de vida. Depois disso vieram outras, porque trabalhando na rede a gente aprende todo dia. Muito obrigada! E é isso.

**PAULO:** A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar. Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão. Mas, se dizer a palavra verdadeira, que é trabalho, que é práxis, é transformar o mundo, dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens. Precisamente por isto, ninguém pode dizer a palavra verdadeira sozinho, ou dizê-la para os outros, num ato de prescrição, com o qual rouba a palavra aos demais. O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu. Esta é a razão por que não é possível o diálogo entre os que querem a pronúncia do mundo e os que não a querem; entre os que negam aos demais o direito de dizer a palavra e os que se acham negados deste direito. É preciso primeiro que, os que assim se encontram negados no direito primordial de dizer a palavra, reconquistem esse direito, proibindo que este assalto desumanizante continue. Se é dizendo a palavra com que, “pronunciando” o mundo, os homens o transformam, o diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens. Por isto, o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de idéias a serem consumidas pelos

permutantes. Não é também discussão guerreira, polêmica, entre sujeitos que não aspiram a comprometer-se com a pronúncia do mundo, nem com buscar a verdade, mas com impor a sua. Porque é encontro de homens que pronunciam o mundo, não deve ser doação do pronunciar de uns a outros. É um ato de criação. Daí que não possa ser manhoso instrumento de que lance mão um sujeito para a conquista do outro. A conquista implícita no diálogo é a do mundo pelos sujeitos dialógicos, não a de um pelo outro. Conquista do mundo para a libertação dos homens (FREIRE, 1996, p. 78-79).

➤ **Curiosidade ingênua, curiosidade epistemológica e corporeidade como base do método dialógico:**

**MÁRCIA MARIA:** Quando eu conheci Paulo Freire, eu já estava atuando como professora de língua portuguesa em escolas públicas e privadas da rede estadual e municipal do Rio de Janeiro. Comecei a estudar pedagogia, inclusive, quando lecionava língua portuguesa na escola pública Estadual em Angra dos Reis. Eu fui aluna da primeira turma de Pedagogia da UFF Angra dos Reis e conheci Paulo Freire dizendo assim para mim: “Márcia, eu te entendo! Isso que você sente na sua sala de aula, você percebe na sua sala de aula, eu também percebo”. Ele escrevia aquilo que eu vivia como professora. Eu vivia como professora um enorme interesse, uma necessidade de aprender a fazer com que um instante da aula, o acontecimento da aula significasse para ambos, e que essa relação de proximidade entre professor e aluno abrisse um canal importante para que ambos se envolvessem na aprendizagem, para que ambos fossem beneficiados nesse processo. Eu intuitivamente, mais do que intuitivamente, a própria prática foi me dizendo que era importante acionar o movimento de despertar a "curiosidade ingênua" do aluno e o caminho para produção, digamos assim, de um *tempoespaço* de curiosidade investigativa, epistemológica, que busca conhecer, que quer aprofundar. Eu entendo que Freire, ao dizer, ao me ensinar, lendo *Pedagogia da Autonomia*, o livro *Pedagogia da Autonomia* (1998), com vários ensinamentos importantes, que é preciso estabelecer um diálogo, um diálogo respeitoso, um diálogo que inclui o *tempoespaço* de vida dos estudantes, para que a aula não se transforme em só numa transmissão mera e simples daquilo que eu, somente eu, escolhi como importante para o outro. Então, é essa relação dialógica, nesses conceitos de curiosidade ingênua e epistemológica, que Freire me fala fundo. Por outras tantas razões, mas eu escolho essas, para nesses três minutos, que eu nem sei se ultrapassei, eu possa dizer. Obrigada!

**MARINETH:** Olá, pessoal. Bom dia a todos! Eu sou pedagoga, atuo em municípios de Niterói, Duque de Caxias. Desde já agradeço muito a todos. Eu conheci Paulo Freire a partir da professora Regina Leite Garcia, do compromisso que nós temos que ter com as crianças das classes populares. E, a partir desse mergulho biográfico, eu fui muito nas minhas raízes indígenas, africanas e eu mergulhei pelo mundo da capoeira, tinha essa pegada, né. Eu queria começar a

minha fala com essa poesia, que eu fiz em homenagem à Carolina Maria de Jesus, após eu acabar de ler o livro *Quarto de despejo* (1963), fiquei assim muito impactada, aquele corpo literário me impactou. Eu quero compartilhar com vocês:

“Meu lunário é meu caderno,  
no canto ancestral palavras andarilhas  
de Cambinda e Guiné-Bissau.  
Meu lunário é feito de sonho  
Dentro do meu barracão,  
nele silêncio para escrever  
e cato estrelas no chão.  
Meu lunário foi escrito no fogo que forja o verbo  
que me derrete por inteiro  
e cicatriza a favela.  
Meu lunário tem fome  
fome de cor amarela  
fome de Maracatu  
fome de caruru e toque de Benguela.  
Meu lunário sonha, cata papel, armazena paciência  
e haja paciência!  
Dança valsa Vienense.  
Meu lunário, meu diário, manto de palavras sagradas  
meu diário, meu lunário, manto de palavras sagradas”.

E por que a Carolina Maria de Jesus? Porque ela faz parte dos grupos sociais, dos povos que foram completamente injustiçadas ao longo da história do Brasil. E no Paulo Freire essa reflexão sobre o corpo é muito forte, nos livros dele o corpo enquanto linguagem. Então, vai muito além da linguagem verbal da linguagem escrita. Quando ele fala que essa linguagem do corpo é fundamental, quando você despreza essa linguagem, você está desprezando muito da humanidade. Então, são só três minutos e eu gostaria de dizer e finalizar o tema corporeidade e diálogo através dessa obra de Freire. Quero agradecer a escuta de vocês, a abertura da possibilidade de participação. Presto homenagem ao ensino público, na figura da Universidade Federal Fluminense, e termino com a citação de Fanon, a última frase do livro *Pele negra, máscaras brancas*: “Que o meu corpo faça sempre de mim um homem que questiona” (FANON, 2008, p. 191). Muito obrigada!

**SANDRA:** Olá, todas! Alguns todos, muitas todas. Sou a professora Sandra Maciel, dou aula aqui na faculdade de educação. Fui aluna da Maria Lucia, estou muito feliz em estar aqui, eu acho que é muito emocionante a gente estar reunido, né, com grupo de professoras. A gente chama de ex, mas, na verdade, são professoras sempre, nossas colegas professoras, que foram nossas professoras na Faculdade de Educação, agora nós, como professoras, com nossas alunas da Faculdade de Educação, do curso de pedagogia. Reunidas

aqui todas para falar de Paulo Freire. São três minutos, então vai ser bem rápido. Eu acho que a diferença que mais me marcou durante o curso de pedagogia foi a oportunidade de ser bolsista no projeto que estudava o fracasso escolar. Eu tinha sido aluna durante todo meu período escolar na escola privada no Rio de Janeiro, então eu não conhecia. Quando eu entrei no curso de pedagogia, vi a realidade da escola pública, e esse foi um aprendizado que eu precisei fazer ao longo do curso. E a experiência como bolsista, estar lá na faculdade de educação, foi a grande oportunidade da minha vida para entrar nesse espaço, para conhecer a escola, conhecer quem é o aluno da escola pública, quem são os professores e professoras que atuam nesses espaços. Então, a faculdade de educação me deu esse presente, enorme, que foi fundamental para minha formação e forjou todo o resto do meu percurso como educadora e as escolhas que eu fiz. Quando eu comecei a fazer pesquisa como estudante de graduação, estudando fracasso escolar, a gente trabalhava com pesquisa etnográfica, que é uma pesquisa que você entra e mergulha no campo, e fica durante muitos anos olhando para aquele espaço, estudando e analisando e tentando compreender o que acontece nesse percurso educacional desses estudantes, dessas crianças e jovens... Em que determinado momento acontece um rompimento com a escola, e dentre tantas coisas, né, que eu tive oportunidade de estudar nesse período da graduação. Eu gostaria de destacar a possibilidade de ter participado de um grupo de pesquisa em que a minha coordenadora, na época, a coordenadora da pesquisa, professora da Faculdade de Educação, a professora Carmem, não sei se alguém aqui foi também aluna dela, era uma estudiosa de Paulo Freire. Então, nós tivemos a oportunidade, eu muito nova, de fazer a leitura de Paulo Freire. Conhecer esse autor, que foi fundamental na minha formação, e até hoje eu acho que é um grande, uma grande obra, um grande educador, que me ajuda nessa caminhada na educação. Quando eu comecei a estudar questões relacionadas a essas crianças e jovens que são muito repetentes, que não permanecem na escola, que a gente diz, chama de crianças com dificuldades de aprendizagem, eu compreendi que é lógico que como professores precisávamos ter um olhar sensível para esses alunos. E que a gente precisava saber dialogar com esse sujeito, a conversa, que eu teria que ouvir o que ela tinha para dizer. Então, eu acho que de todas as palavras que o Paulo Freire, todos os conceitos, na verdade, que o Paulo Freire me ensinou, eu acho que é dialogicidade aquele que me acompanha; trouxe uma frasezinha para finalizar, que eu acho que é o que marcou a minha formação dentro dessa perspectiva da minha relação com a obra, de como se diz, o seguinte:

É nesse sentido também que a dialogicidade verdadeira, em que os sujeitos dialógicos aprendem, crescem, da diferença, sobretudo no respeito a ela, é a forma de estar sendo coerentemente exigida por seres que inacabados, assumindo-se como tal, se tornam radicalmente éticos (FREIRE, 2003b, p. 59).

Então, para compreender o meu aluno, eu precisava respeitar as diferenças, eu precisava saber dialogar, eu precisava ouvir esse sujeito verdadeiramente, né, de coração. Então, eu acho que esse foi meu grande aprendizado da obra de Paulo Freire, e aquilo que eu trago até hoje, que faz eu me manter assim, radicalmente responsável por esses sujeitos e pela atuação como professora. Muito obrigada, estou muito feliz de estar aqui, de verdade.

**PAULO:** Estamos convencidos de que o diálogo com as massas populares é uma exigência radical de toda revolução autêntica. Ela é revolução por isto. Distingue-se do golpe militar por isto. Dos golpes, seria uma ingenuidade esperar que estabelecessem diálogo com as massas oprimidas. Deles, o que se pode esperar é o engodo para legitimar-se ou a força que reprime. A verdadeira revolução, cedo ou tarde, tem de inaugurar o diálogo corajoso com as massas. Sua legitimidade está no diálogo com elas, não no engodo, na mentira. Não pode temer as massas, a sua expressividade, a sua participação efetiva no poder. Não pode negá-las. Não pode deixar de prestar-lhes conta. De falar de seus acertos, de seus erros, de seus equívocos, de suas dificuldades (FREIRE, 1996, p. 124-125).

➤ **Pedagogia social, amorosidade e compromisso:**

**JULIANNE:** Bom dia a todos e todas! Como eu falei inicialmente, sou orientadora educacional no município de Maricá e mediadora à distância nas disciplinas de pedagogia da UERJ. Então, a minha relação com Paulo Freire existiu sempre, desde que existiu uma professora, uma educadora. E eu, após estudos, me intitulei como educadora social, por buscar sempre trabalhar com os educandos, através de numa pedagogia que luta, no presente, para superar a exploração do passado e projetar o futuro com mais oportunidades, em um futuro com uma educação mais reflexiva, libertadora, problematizadora, sem violência simbólica. E então vejo as concepções de Freire em todos os meus atos, nas minhas atuações dentro da escola, até mesmo a distância, que a gente não se vê tão distante do aluno, assim como estamos fazendo aqui, agora. Bom, ao falar sobre a pedagogia social, que é um campo que pouco se fala aqui no Brasil, estamos construindo um debate, mas fora do Brasil, no cenário internacional, diferente do nosso, muito tem se falado e as concepções de Paulo Freire têm sido fundamentais, porque ele trata sim sobre a educação popular, a relação existente entre educação e sociedade. No meu papel enquanto educador social; Ele me convida diariamente a acreditar no aluno e na concepção de fazer o inédito viável (FREIRE, 1996) . Eu acredito que hoje estamos fazendo sim, o inédito viável ao visitar Paulo Freire, através de uma videoconferência, no momento de isolamento de práticas cotidianas. Assim, que é possível, estamos trabalhando para isso, para fazer uma educação social capaz de trabalhar pelos educandos, para proporcionar um futuro melhor para eles. E ele nos provoca a sair da inércia em que estamos vivendo, sobretudo no momento atual, momento

de isolamento social, em que práticas educacionais ficaram distantes da forma presencial. Mas, jamais o educador deixou de ser educador, trabalhando da melhor maneira possível, e o inédito viável tem acontecido e isso é pedagogia social. Então, eu gostaria de agradecer por esse momento. São 3 minutos, a gente tem que falar rapidamente, mas eu gostaria de agradecer a esse grupo por essa oportunidade!

**MARGARETH:** Bom dia, obrigada Julianne, a todas vocês, por essa mesa maravilhosa. Nesse ano de Paulo Freire os nossos trabalhos têm sempre sido acompanhados pelo seguinte slogan: “2021, cem anos, é o centenário do nascimento de Paulo Freire, é Paulo Freire presente!” É isso, eu sou educadora que começa lá na década de 1970, lidando com meninos extremamente pobres, que moravam em palafitas ao redor da Refinaria Duque de Caxias. Antes de conhecer Paulo Freire, muita coisa e antes de eu começar aqui, hoje eu fui fazer as contas... caramba! Cinco décadas! A vida passa muito rápido! E eu me encontro no momento especialíssimo da minha vida, estou escrevendo meu memorial. Eu acabei de concluir meu memorial. E aí eu fico pensando a partir de três ensinamentos que trago do trabalho que eu realizo desde 1977 até 2021. O primeiro deles é quando Paulo Freire diz: “Eu sou um intelectual que não tenho medo de ser amoroso. Amo as gentes e amo o mundo. E é porque amo as pessoas e amo o mundo que eu brigo para que a justiça social se implante antes da caridade” (FREIRE, 1988b). É o primeiro ponto que rege o trabalho da pedagogia, da universidade, né, é o amor e a justiça social. Ao lado dessa situação me vem um texto que eu trabalho desde quando entrei na universidade para dar aula, em 1998, um fragmento do texto de Paulo Freire escrito no exílio. Ele se chama *Educação e Política*. Com ele compreendi claramente que educação é política. Ela demanda posicionamento, ela demanda não neutralidade, ela demanda uma percepção do modelo de sociedade, de homem, de mundo, educação:

A minha grande preocupação é o método enquanto caminho do conhecimento. Mas, a gente ainda tem que perguntar em favor de que conhecer e, portanto, contra que conhecer; em favor de quem conhecer e contra quem conhecer. Essas perguntas que a gente se faz enquanto educadores, lado do conhecimento que é sempre a educação, nos leva à confirmação de outra obviedade, que é a natureza política da educação. Quer dizer, a educação enquanto ato de conhecimento é também, e por isso mesmo, um ato político [...] não há como conceber uma educação neutra a serviço da humanidade, como abstração” (FREIRE, 1992, p. 97).

Isso também tem norteado, ou suleado, como ele gosta de dizer, o trabalho que a gente tem feito dentro da Universidade Federal Fluminense. E por último, e não menos importante, é quando ele desafia a unir a coragem de amar à coragem de lutar. Então, é coragem cometer educação nesse momento, nesse

país: “A amorosidade de que falo, o sonho para qual brigo e para cuja realização me preparo permanentemente, exigem em mim, na experiência social, outra qualidade: a coragem de lutar ao lado da coragem de amar” (FREIRE, 1997, p.38). Historicamente tem-se usado o processo, o modelo de educação como fracasso da educação. Eu acho que nós todos, que estamos aqui hoje, lutamos para que isso não ocorra. Compreendi cedo que fazer educação não era sempre seguir as normas que o governo queria que fossem seguidas, mas sim seguir as normas necessárias àquelas pessoas. Então, eu quero agradecer muito. É uma honra muito grande estar aqui com vocês, agradecer a Maria Lucia, minha querida incentivadora, muitas vezes tive vontade de sair porta afora dessa faculdade, largar tudo de mão, porque não me via nesse espaço, e fui abraçar a história de lá, de 1977, trouxe a pedagogia social para cá. Julianne, agradeço a lembrança. Esse é um ano especialíssimo. Como eu disse, muitas pessoas têm me procurado e falado sobre o efeito das aulas de orientação educacional na vida delas. Hoje isso é um presente, não é porque eu estou preparando o meu processo particular nesse momento em que nós estamos comemorando. Esse é um momento difícil, mas é um momento que é necessário, cada vez mais, que a gente tenha coragem de conversar com Paulo Freire. Um beijo a todos. Tenhamos sempre coragem de amar, coragem de lutar. Com Freire ando sempre! Bom dia! Parabéns pela roda!

**PAULO:** Nossa ação se orientou pelo compromisso de construir ‘uma escola bonita, voltada para a formação social crítica e para uma sociedade democrática, escola essa que deve ser um espaço de educação popular e não apenas o lugar de transmissão de alguns conhecimentos, cuja valorização se dá à revelia dos interesses populares; uma escola cuja boniteza se manifeste na possibilidade da formação do sujeito social (FREIRE, 2019, p. 333).

➤ **Política, radicalidade e liberdade:**

**MARTA:** Bom, gente, eu estava esses dias todos pensando, não conseguia me decidir sobre o que eu traria para nossa conversa... Tanta coisa de Paulo Freire! São tantos anos de aprendizagens. E, ontem, quando eu fui procurar, eu fui para o primeiro livro que eu li de Paulo Freire, que é o primeiro livro de Paulo Freire: *Educação como prática de liberdade*. E, como eu já disse em outro momento, ele está aqui tudo remendado, porque o adquiri quando eu tinha 16 anos, no curso normal. E eu simplesmente não entendi nada e passei a vida voltando a ele, e a outros, e aprendendo. E ontem, quando eu peguei esse livro, o que eu encontrei parece aquela coisa que a gente fala assim: “abre a página...”, de coisa de auto ajuda. E aí, quando eu abri, veio um trecho que eu escolhi para trazer hoje, porque eu acho, eu ontem disse para algumas pessoas, é que eu acho que ele escreveu para mim, olha que pretensão! Mas, eu me encontro muito nesse trecho, porque eu acho que o momento que a gente vive neste país, nesta cidade, onde a educação retomou atividade presencial na terça-feira, à revelia

do que pensam os educadores, do que pensam, do que propõem, à revelia do que nós temos discutido, à revelia do que o Conselho Municipal organizou, inclusive, sobre isso. Eu acho que esse trecho fala muito, vou tentar ler rapidamente:

A radicalização, que implica no enraizamento que o homem faz na opção que fez, é positiva, porque preponderantemente crítica. Porque crítica e amorosa, humilde e comunicativa. O homem radical na sua opção, não nega o direito ao outro de optar. Não pretende impor sua opção. Dialoga sobre ela. Está convencido de seu acerto, mas respeita no outro o direito de também julgar-se certo. Tenta convencer e converter, e não esmagar o seu oponente. tem o dever, contudo, por uma questão mesma de amor, de reagir à violência dos que lhe pretendam impor silêncio. Dos que, em nome da liberdade, matam, em si e nele, a própria liberdade. A posição radical, que é amorosa, não pode ser autoflageladora. Não pode acomodar-se passivamente diante do poder exacerbado de alguns que leva à desumanização de todos, inclusive dos poderosos (FREIRE, 1983a, p. 50-51).

E aí eu penso assim a radicalidade. Ela sempre foi uma, não a palavra, mas o modo de ser da minha vida pessoal e profissional, que não se separam. E quando eu encontro em Paulo Freire o acolhimento, a definição de um aprofundamento e o carinho da melhor compreensão da palavra radicalidade, eu me fortaleço mais uma vez em Paulo Freire, no meu compromisso como educadora, que não é do meu horário de aula; eu sou educadora o tempo todo, em todas as atividades que faço, comprometida com a educação como prática da liberdade, porque se não for para isso, não é educação; é treinamento. Meu tempo acabou!

**ALESSANDRO:** Bom dia a todos e todas! É um prazer enorme estar aqui, a todas as organizadoras, obrigado. Obrigado, Maria Lucia, por ter me resgatado, obrigado por tudo. É muito significativo esse momento para mim. Como a professora Maria Lucia falou sobre a o evento, porque naquele momento, professora, eu teria uma grande dificuldade de ir para palestra do Paulo Freire, por conta da dificuldade do caminho mesmo, e a senhora foi mais do que uma guia, foi uma pessoa que abriu possibilidades para que eu pudesse assistir aquela palestra do Paulo Freire. E seria uma das últimas que ele faria, porque um ano depois ele faleceria. Eu também queria dizer à Camilla que ela me emocionou muito, porque foi a música de entrada do meu casamento, e a minha música de entrada no casamento. A Marta talvez seja a única pessoa que estava no meu casamento... então, isso tudo foi muito emocionante para mim. Agora, indo para o tema, eu escolhi uma palavra, uma reflexão que não necessariamente é a mais importante do Paulo Freire, mas ela é mais importante para mim, fundamentalmente dentro desse contexto. Paulo Freire merecia um momento melhor para fazer 100 anos; justamente no momento tão obscuro, tão nebuloso da história do Brasil, um momento tão complicado em que os setores

mais conservadores querem desqualificar Paulo Freire, chamando-o de embuste, por isso a palavra que eu coloco é política. Nós somos seres que estamos todos em relações políticas, relações de autoridade e relações de poder, relações de liberdade. E o que eu mais aprendi com Paulo Freire, o que eu mais pensei nesse contexto, é que nós temos um papel político enquanto professores, ou seja, nós somos instrumentos para contribuir com que os sujeitos tomem consciência da sua condição de sujeitos, e façam uma realidade melhor e bem diferente daquilo que eles têm. Eu não sou pedagogo, eu acho que tem uma diferença aqui, eu sou da área de Ciências Sociais e atuo como professor de sociologia na rede estadual, e, agora, como profissional da educação, ligado à educação especial, em que você trabalha muito a questão da inclusão, embora não seja um tema em Paulo Freire, a inclusão da pessoa com deficiência. Acho que a pedagogia de Paulo Freire trabalha para a questão política da inclusão, da liberdade e, sobretudo, da autonomia dos sujeitos, para que um dia... Hoje nós somos professores, para que um dia as pessoas que hoje são nossos alunos, possam se tornar também professores, e façam a sua história! Obrigado!

**PAULO:** Já temos afirmado que a educação reflete a estrutura do poder, daí, a dificuldade que tem um educador dialógico de atuar coerentemente numa estrutura que nega o diálogo. Algo fundamental, porém, pode ser feito: dialogar sobre a negação do próprio diálogo (FREIRE, 1996, p. 62).

**ANA:** Freire entra na minha vida, no ensino médio, no antigo curso normal, pelo menos é o que a minha memória afetiva me possibilita afirmar. Talvez tenha acontecido antes, já que venho de uma família de brizolistas fervorosos, que afirmam a educação como uma bandeira de luta, apesar de poucas pessoas tenham chegado a cursar uma universidade pública. Então, lá, no IEPIC, conheço a professora Olga, mulher guerreira que me apresenta academicamente Freire. Dos livros às passeatas, foi com Olga que fui construindo compreensões como: “se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda” (FREIRE, 2000, p.67); “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1983b, p.79). E este movimento de *práxis*, no qual busco viver a teoria freiriana na minha vida, foi sendo cada dia mais consolidada ao entrar na UFF. Da graduação ao doutorado, pelas mãos de várias professoras, passo a estudar Freire com mais densidade, saindo das meras frases apaixonantes para um estudo da sua produção, na qual sou convidada/provocada a assumir a responsabilidade de uma *educação pública popular emancipadora*. Seus ensinamentos viram *utopias*, para já buscar alguma coerência, *utopias freirianas*. E lá estava Olga novamente, agora com Teresa Esteban, Carmem Perez, Tereza Goudard, Regina Leite Garcia, e tantas outras que não vou conseguir enumerar. E eu agora, não mais uma menina, mas alguém que assumiu a educação das infâncias como local de disputa, reencontro Olga na passeata pela Marielle, Teresa Goudard nas passeatas do ELE NÃO, e

eu, na maioria destas ocasiões, em companhia de Teresa Esteban. Assim, fui vivendo a teoria freiriana no chão da escola, nos processos de luta e como forma de ser-estar no mundo. Hoje quem me leva/convida para as manifestações é a minha filha Aline. Olhando para trás, para Freire e eu, percebo que Freire é um legado, que passa de geração a geração, de professores a estudantes, de mãe para filhos, de colegas de trabalho a amigos de vida. Para mim, viver Freire é a nossa forma de *esperançar* um mundo melhor, pois não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na *ação-reflexão*.

**PAULO:** Como professor não devo poupar oportunidade para testemunhar aos alunos a segurança com que me comporto ao discutir um tema, ao analisar um fato, ao expor minha posição em face de uma decisão governamental. Minha segurança não repousa na falsa suposição de que sei tudo, de que sou o “maior”. Minha segurança se funda na convicção de que sei algo e de que ignoro algo a que se junta a certeza de que posso saber melhor o que já sei e conhecer o que ainda não sei. Minha segurança se alicerça no saber confirmado pela própria experiência de que, se minha inconclusão, de que sou consciente, atesta, de um lado, minha ignorância, me abre, de outro, o caminho para conhecer. Me sinto seguro porque não há razão para me envergonhar por desconhecer algo. Testemunhar a abertura aos outros, a disponibilidade curiosa à vida, aos seus desafios, são saberes necessários à prática educativa. Viver a abertura respeitosa aos outros e, de quando em vez, de acordo com o momento, tomar a própria prática de abertura ao outro como objeto da reflexão crítica deveria fazer parte da aventura docente. A razão ética da abertura, seu fundamento político, sua referência pedagógica; a boniteza que há nela como viabilidade do diálogo. A experiência da abertura como experiência fundante do ser inacabado que terminou por se saber inacabado. Seria impossível saber-se inacabado e não se abrir ao mundo e aos outros à procura de explicação, de respostas a múltiplas perguntas. O fechamento ao mundo e aos outros se torna transgressão ao impulso natural da incompletude. O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na História. Certa vez, numa escola da rede municipal de São Paulo que realizava uma reunião de quatro dias com professores e professoras de dez escolas da área para planejar em comum suas atividades pedagógicas, visitei uma sala em que se expunham fotografias das redondezas da escola. Fotografias de ruas enlameadas, de ruas bem postas também. Fotografias de recantos feios que sugeriam tristeza e dificuldades. Fotografias de corpos andando com dificuldade, lentamente, alquebrados, de caras desfeitas, de olhar vago. Um pouco atrás de mim dois professores faziam comentários em torno do que lhes tocava mais de perto. De repente, um deles afirmou: “Há dez anos ensino nesta escola. Jamais conheci nada de sua redondeza além das ruas que lhe dão acesso. Agora, ao ver esta exposição\* de fotografias que nos revelam um pouco de seu contexto, me convenço de quão precária deve ter sido a minha tarefa formadora durante

todos estes anos. Como ensinar, como formar sem estar aberto ao contorno geográfico, social, dos educandos? (FREIRE, 1998, p. 152-154).

➤ **O inacabamento da práxis docente:**

**MARIA LUCIA:** Queridas colegas, que foram alunas, acho que eu sou aluna de todos, todos somos aprendizes. Eu sou professora há 53 anos, por isso eu me apresento sempre assim: professora da educação pública, desde as séries iniciais, fiz Curso Normal, trabalhei em todas as séries e espaços, mas sempre no ensino público. Na Faculdade de Educação da UFF, com várias atividades de ensino, pesquisa, extensão, sempre em torno da ideia de redes colaborativas em espaços públicos. Entre turmas que eu tive, Currículo, Didática e uma Atividade e Disciplina Optativa: Educação, Saúde e Sociedade. Tenho encontrado agora na Pós-Graduação muitos ex-alunos, companheiros. Não tive tantos alunos do Curso de pedagogia, porque muitas das minhas turmas era de composição interdisciplinar, estudantes vindos de várias Licenciaturas, sendo, portanto, também estudantes da Faculdade de Educação. É sempre interessante a gente lembrar isso, também registrando minha alegria do reencontro aqui com o Alessandro, sempre nos mandando notícias do seu trabalho, da sua luta na rede pública. Relembramos o dia em que homenageamos Paulo Freire, na verdade quando ele nos homenageou aceitando o título de Doutor Honoris causa pela UFF. A turma de Didática, com estudantes de várias Licenciaturas, estava terminando o semestre. Fomos quase todos caminhando na direção da Reitoria para participar, todos a pé, caminhando, eu e Alessandro fomos juntos caminhando até lá e aí conversando. Na verdade, eu trago esse relato, porque se trata muito da gente pensar desse legado vivo de Paulo Freire. A gente sempre fala, porque está em todos vocês, está em todos nós, no nosso trabalho, na nossa militância, sobre como ele é tão importante, como é importante para nós estarmos aqui, acompanhando o reencontro de todos vocês e sabermos que estamos juntos na esperança-ação, na luta, sempre tendo Paulo Freire como nossa referência. O que, às vezes, para os alunos que vêm de outras Licenciaturas, no início há um certo estranhamento na sala de aula, não é, Alessandro? Como uma professora formada no curso normal dos anos 1960, devo contar para vocês que realmente só tive contato com Paulo Freire, e falando um pouco a partir do entrelace dos depoimentos de vocês, que já trazem tanta luz, mas contando como foi a minha descoberta, já nos anos 1980, no meu tempo dos estudos do mestrado, quando havia uma autorização mais oficial, institucional, para que a gente fizesse leituras. E todo esse esforço de problematização nos trouxe um despertar. Eu me identifiquei muito com depoimento também da Andrea, sobre os limites do reconhecimento dialético, limites e possibilidades, eu achei muito significativo, fazendo um pouquinho a relação com que o Alessandro falou desse momento presente, como ele, nos diz Paulo Freire (FREIRE, 1992), o futuro não é inexorável, ele é problemático, mas ele resultará do embate das forças dialéticas que constantemente se opõe.

Então, nesse sentido, acho que ele sempre contribuiu muito em todos os sentidos para minha prática, para o meu estar-no-mundo, essa relação que ele nos traz, que não é de um determinismo ou algo fatalista que possa nos levar a uma imobilidade, até que algum dia uma revolução aconteça. Mas, não desconsiderando as forças, as condições históricas objetivas, mas também trazendo o papel dos sujeitos como como atores, autores da história, da educação, da sociedade, da nossa própria história, porque às vezes as pessoas têm uma visão reducionista da obra de Paulo Freire, como uma apologia a um certo otimismo ingênuo, ou também como uma apologia ao imobilismo fatalista, de que nada vai mudar. Então, essa compreensão político-pedagógica do nosso trabalho, nessa *relação dialética*, o reconhecimento das tensões o tempo todo, que dialeticamente são muitas e o nosso papel como sujeito nesse processo, eu acho que é muito importante. Finalizando, eu diria talvez muito marcante para mim, “não posso estar no mundo de luvas nas mãos, constatando apenas” (FREIRE, 1988), pois o reconhecimento do papel do educador estudioso, também intelectual, não é apenas como ele se debruça na leitura crítica teórica, mas aquele que para sua ação pedagógica social efetivamente a busca dessa coerência, quando se fala, por exemplo, de agir orientando-nos pela metodologia da *práxis*, partindo da diversidade. Partindo de situações complexas para refletir teoricamente, mas essa teoria para quê? Para ajudar a interpretar e contribuir para transformar essa realidade. Então, eu acho que essa busca dessa coerência que é política e pedagógica, epistemológica, é extremamente desafiadora e ao mesmo tempo é aquilo que nos move. Muito feliz por estar com todos e todas, mas gostaria de deixar um depoimento do quanto houve perda para minha formação em ter anos de magistério na escola pública sem conhecer Paulo Freire. Eu brinco com os estudantes, perdoe-nos porque o nosso aprendizado foi, de certa forma, tardio, mas, como diz Thiago de Mello, pode ser tardio, mas nunca se faz retardatário. E a intensidade do nosso aprendizado, esse aprendizado só se dá no coletivo.

**MARISA:** Bom dia a todos e todas! Eu sou formada em pedagogia na UFF, entrei em 1994, na mudança do currículo, e me formei em 1999. No mesmo período, em 1994, fui admitida no concurso público para a rede pública estadual, onde permaneço até hoje. Atualmente sou professora do Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho, dou aula no curso normal, que é o curso de formação de professores em nível médio. E fui normalista também, não nessa escola, mas fui em duas escolas: uma em São Gonçalo, as duas em São Gonçalo. Eu me formei em 1992, fiz o curso normal em duas etapas: tinha os três primeiros anos, e era opcional fazer o quarto ano. Esse quarto ano eu fiz no Clélia Nanci. Eu queria compartilhar aqui, eu fico muito feliz de conviver com Paulo Freire em minha formação acadêmica. Acabei por conhecer o Paulo Freire na Universidade Federal Fluminense. Como professora do curso normal, eu apresento o Paulo Freire como teórico para os estudantes normalistas, faço com eles o trabalho de leitura e reflexão. O momento da pandemia, que começou ano passado, né, essa

reflexão ficou um pouco prejudicada, em função do aluno da rede pública estadual não ter aulas síncronas. Então, a gente perde um pouco esse espaço, mas não deixamos de falar dele, Paulo Freire, de pautar nossas práticas pedagógicas no Paulo Freire, principalmente na escola pública. Gostaria que na escola particular ele fosse também mais presente, mas a gente chega lá, tenho certeza que sim. Eu queria fazer um comentário, o professor que falou antes da Margarete, ele falou que era uma pena Paulo Freire fazer 100 anos no ano pandêmico. Eu compartilho desse sentimento, que nesse momento a gente gostaria de estar nas ruas falando de Paulo Freire, mas eu acho que Paulo Freire é tão presente, como falou a professora Margarete, que nesse ano pandêmico, é o ano que a gente precisa falar de Paulo Freire. A educação está precisando de Paulo Freire. Então, acho que ele é brilhante nesse momento, porque ele causa na gente aquela tristeza de não poder estar nas ruas, mas desperta também essa vontade da gente continuar levando essa pedagogia libertária e libertadora, que é a pedagogia de Paulo Freire. Nesse momento a gente vê, principalmente na escola pública, que ela não está presente justamente pela falta de acesso às tecnologias de informação de nossos alunos. Queria destacar aqui o livro *Pedagogia da Autonomia*. A minha edição é uma edição mais recente, aquelazinha de bolso, é a 39ª edição, foi publicada em 2009. Eu vou ler a página 135, 3.8, “ensinar exige disponibilidade para o diálogo”. Separei um trecho que fala assim:

[...] a minha segurança se funda na convicção de que sei algo e de que ignoro algo, a que se junta a certeza de que possa saber melhor o que já sei e conhecer o que ainda não sei. Minha insegurança se alicerça em não saber, não sei no saber confirmado pela própria experiência, de que se minha inconclusão de que sou consciente, atesta de um lado minha ignorância, me abre de outro, caminho para conhecer (FREIRE, 2009, p. 135).

Na verdade, a gente escolhe tudo que Paulo Freire escreve, né, a gente lê do início ao fim e tudo é perfeito, tudo faz parte, tudo faz sentido, até quando a gente não concorda faz sentido. E eu escolhi esse pedaço, porque hoje, por exemplo, vivendo uma situação remota, eu aprendo muito com os meus alunos, porque eles têm uma linguagem tecnológica aqui que eu não tenho ainda, estou conhecendo. E eles aprendem muito comigo a parte que eu consigo saber um pouco mais, que eles, naquele momento, neste momento. E é perfeito por isso. Então, só tenho a agradecer por participar desse encontro, eu sempre fico muito feliz de encontrar pessoas que eu já conhecia e de conhecer pessoas novas. Um abraço a todos!

**PAULO:** Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem

juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas (FREIRE, 1996, p. 68).

**ADRIANA:** É um prazer enorme estar aqui, com vocês! Estou muito feliz em estar aqui, com vocês! Sou professora e pedagoga da rede de ensino de Niterói, fui de São Gonçalo também, não sou mais, foi minha primeira rede de atuação. Sou ex aluna da UFF com muito orgulho, vou compartilhar com vocês a minha blusa. Será que dá para visualizar? De formanda, eu estou aqui, encabeçando a lista, em ordem alfabética, Adriana Lima. Nossa turma foi intitulada *Loucos e Santos*, em alusão a um poema do Oscar Wilde, que eu acho que muitos conhecem, né? Infelizmente não dá tempo de ler aqui. Mas, enfim, a influência de Paulo Freire sobre a minha vida foi de forma assim, muito incisiva, mesmo antes da minha atuação como educadora. Eu encontrei Paulo Freire no teatro, fazendo na UFF, um curso de formação de atores, de teatro, que hoje está extinto, infelizmente. Mas, eu tive a felicidade de me formar como atriz lá, e apresentamos uma peça de Paulo Freire. Eu ainda sem essa visão de educadora, me apaixonei realmente por esse teórico singular que nos educa dentro e fora da escola e, por isso, me arrebatou. E o meu grande sonho de cursar a UFF começou dentro do teatro, sim! Porque, embora fosse formada, fui normalista, me formei professora, não tinha ainda esta ligação com a educação que eu passei a ter ao conhecer Paulo Freire e fazer parte da sua leitura. Enfim, ele me trouxe para a educação, sim, eu vim carregada por ele. Hoje estou aqui, com muita felicidade nesses 20 anos de atuação como educadora, após passar por várias etapas de educação, por várias modalidades: educação infantil, ensino fundamental, educação especial/inclusiva. Hoje estou atuando como pedagoga e como professora da EJA, onde a gente realmente abraça Paulo Freire, né, que a gente realmente enxerga Paulo Freire. Em todas as etapas ele está presente, mas na EJA a gente realmente afina a realidade que a gente vive com o que a palavra está dizendo no papel. E eu trago como voz no meu consciente, o lema que ensinar exige consciência do inacabamento. Eu, me descobrindo todos os dias como inacabada, posso ir em busca do que me falta, me construindo e reconstruindo no mundo, e estar trazendo esse legado para os meus alunos da EJA, principalmente, que é o recorte que eu faço aqui, pois são apenas três minutos. E eu tenho a felicidade (agora com a pandemia isso não se faz tão presente), mas eu tenho a felicidade diária desde que atuo na EJA, é desde o ano de 2015, eu venho observando esse conceito de *inacabamento*, *incompletude*, *inconclusão*, forte em todos os alunos que se descobrem todos os dias capazes sempre de ir além, quando eles chegam na escola com a ilusão de que estavam limitados apenas a estudar e concluir um curso. Mas eles descobrem que vão além, muito mais do que passar em etapas, pegar um papel. Como seres humanos se constroem e se descobrem pessoas que jamais veriam no espelho, sem essa conscientização de inacabamento. E é muito bonito de ver. Eu agradeço todos os dias o meu encontro com Paulo Freire e sua obra.

Não sei quanto tempo tem, mas antes de acabar, eu queria dizer: “O Paulo Freire que vive em mim, saúda o Paulo Freire que vive em vocês”. Muito obrigada por participar desse momento. Estou muito emocionada também.

**PAULO:** Minha esperança é necessária, mas não é suficiente. Ela, só, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia. Precisamos da esperança crítica, como peixe necessita da água despoluída. Pensar que a esperança sozinha transforma o mundo e atuar movido por tal ingenuidade é um modo excelente de tombar na desesperança, no pessimismo, no fatalismo. Mas, prescindir da esperança na luta para melhorar o mundo, como se a luta se pudesse reduzir a atos calculados apenas, à pura cientificidade, é frívola ilusão. Prescindir da esperança que se funda também na verdade como qualidade ética da luta é negar a ela um dos seus suportes fundamentais [...] Enquanto necessidade ontológica a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica. É por isso que não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura, que vira, assim, espera vã (FREIRE, 2003c, p. 10-11).

➤ **Utopia e esperança-ação:**

**VIVIANE:** Então, é difícil a gente escolher algo para falar sobre Paulo Freire. Vou tentar resgatar o primeiro texto que eu tive contato do Paulo Freire, que foi a *Pedagogia do oprimido*, quando lá, em 1996, com 17 anos, eu ingressei no curso de pedagogia da UFF. Eu tinha feito curso normal, nunca tinha ouvido falar de Paulo Freire. Eu já atuava como auxiliar na educação infantil na rede privada, e quando eu ouvi, me chamou a atenção a ideia da dimensão utópica da prática docente. Até então eu achava a utopia como alvo inatingível, eu não assimilava *utopia* como algo bom, mas como algo que nos distanciava de alguma coisa prática. Então, eu vou citar um pedacinho do texto de *Pedagogia do oprimido*, quando ele diz, Paulo Freire diz:

Em Ação Cultural para a libertação, discutimos mais amplamente este sentido profético e esperançoso da educação (ou ação cultural) problematizadora. Profetismo e esperança que resultam do caráter utópico de tal forma de ação, tomando-se a utopia como a unidade, inquebrantável entre a denúncia e o anúncio. Denúncia de uma realidade desumanizante e anúncio de uma realidade em que os homens possam ser mais. Anúncio e denúncia não são, porém, palavras vazias, mas compromisso histórico (FREIRE, 1996, p. 73).

E aí eu vou lembrar muito claramente essa questão da utopia em vários momentos da minha trajetória profissional. Mas, com muita clareza, 18 anos depois, quando eu ocupei um cargo na gestão da rede pública de Niterói. A gente chegou, né, parte da minha equipe, que até a Camilla fez parte, e a gente chegou com uma esperança muito grande de fazer algumas modificações, algumas

mudanças, a partir do *diálogo* com a rede. E no meio dessas muitas tensões vividas, eu fui retomar a leitura desse texto que eu li em 1996, e fui estudar muito a experiência de Paulo Freire como gestor da rede municipal de educação de São Paulo, entre 1989 e 1991. E aí eu resgatei um texto, um trechinho que eu vou ler aqui e que foi fundamental para eu me recolocar nesse lugar de mulher-professora-profissional em constante formação, em constante processo de devir. E isso me fez retornar ao meu lugar na escola, eu saí da sede e voltei para escola, porque esse texto falou muito fundo para mim:

Meu gosto de ler e de escrever se dirige a certa utopia que envolve certa causa, um certo tipo de gente nossa. É um gosto que tem a ver com a criação de uma sociedade menos perversa, menos discriminatória, menos racista, menos machista que esta. Uma sociedade mais aberta, que sirva aos interesses das sempre desprotegidas e minimizadas classes populares e não apenas aos interesses dos ricos, dos afortunados, dos chamados 'bem-nascidos' [...] Sou leal ao sonho. Minha ação tem sido coerente com ele. Exigente com a ética, considero que ela tem a ver com a coerência com que se vive no mundo, coerência entre o que se diz e o que se faz (FREIRE, 2019, p. 336).

E é isso que eu tenho tentado, a da *dimensão utópica* da minha prática, da minha *práxis*, é o que eu tenho tentado carregar comigo por onde eu vou. Obrigada!

**JORGE:** Eu estou na FME e passei pela UFF, cara, passei pela UFF. Tive muito incentivo também para fazer curso de mestrado, mas não tive gás, eu perdi o gás legal, mas estamos retomando aí a briga. Eu sou um camarada que não gosto muito de aparecer, antigamente eu queria muito aparecer para poder divulgar o meu trabalho de poesias, oficinas pedagógicas para a construção de poesias e produção textual, enfim, as minhas práticas pedagógicas. Principalmente meu trabalho com poesias, por meio de oficinas, até hoje eu realizo um trabalho com as turmas, com os grupos de referência das escolas que eu trabalho. E dá muito certo, a gente consegue literalmente alfabetizar, desmistificar esse processo de letramento e é muito bacana isso. E, de um tempo depois, com a morte da minha mãe, eu não sei o que aconteceu, eu fiquei muito para mim, meus projetos que eram assim grandiosos, ficaram microprojetos, entendeu? Então, hoje eu creio mais na revolução individual do que na revolução social, de um modo geral. Hoje eu gosto muito de focar na unidade em que eu trabalho, acreditando que esta unidade escolar, essas crianças que estão ali nessa escola vão, de certa forma, conseguir modificar a sociedade de alguma maneira. Então, eu creio hoje na revolução individual, na revolução dos pequenos grupos, que vão servir de parâmetro para outros grupos e a sociedade pode dar uma modificada. Eu ainda não perdi a esperança, com certeza que não. Já falei demais, né? Eu gosto muito do trabalho de atendimento aos alunos, às famílias, das rodas de conversa aos sábados, que a gente fazia, né? Agora estou tentando retomar esse trabalho, literalmente pegar a roda, colocar as cadeiras em círculo, mexer no sistema de som e ali rolar a conversa. Eu acho isso

fantástico. Então, a gente não pode perder a pretensão de transformar o mundo, não queria entrar muito nesse mérito, mas a gente pode transformar nossa escola, e uma escola bacana, fica um exemplo também para outras escolas ficarem bacanas, e aí uma rede fica bacana, eu acredito nisso. Na revolução individual nos mini sistemas que vão impactando os macrossistemas.

**PAULO:** É nesse sentido que reinsisto em que formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas. e por que não dizer também da quase obstinação com que falo de meu interesse por tudo o que diz respeito aos homens e às mulheres, assunto de que saio e a que volto com o gosto de quem a ele se dá pela primeira vez. Daí a crítica permanentemente presente em mim à malvadez neoliberal, ao cinismo de sua ideologia fatalista e a sua recusa inflexível ao sonho e à utopia (FREIRE, 1998, p.15).

## **PARA NÃO TERMINAR OU COMO NOS FAZER SEMENTES**

Escrito por muitas mãos, presentes e ausentes, o presente ensaio buscou reunir, para além do resgate da memória da contribuição de Paulo Freire para nossa formação inicial no curso de pedagogia da FEUFF e nossa atuação profissional no tempo presente; afetos, sentidos, sonhos, sabores, cheiros de tempos outros que percebemos que fazem parte do que hoje somos.

Sob a forma de transcrição das narrativas dos atores-autores deste percurso, alinhamos o diálogo atemporal entre nós, como grupo, e com nosso eterno mestre, Paulo Freire. Temas e discussões caras à sua obra permeiam nossa conversa, alimentam nossa esperança e fundamentam nossa luta cotidiana por uma educação pública, gratuita, laica, de qualidade para todas e todos. Luta árdua, mas cheia de amorosidade e ternura, que não se restringe ao espaço institucional da escola ou universidade: espraia-se na defesa de um mundo mais humano, mais justo, onde cada qual possa “ser mais”.

No dia em que foi realizada nossa roda de conversa, abrimos o encontro com uma homenagem à Professora Elza Dely, que foi aluna da primeira turma da pedagogia da faculdade de educação da UFF. Quando ingressou, em 1962, a universidade passou a ser universidade pública federal. Formou-se em 1965, e, tempos depois retornou como professora deste nosso querido curso, tornando-se colega e professora de muitas-muitos de nós. Hoje, mais do que nunca, sensibilizadas pela notícia de seu falecimento poucos dias depois do encontro de ex-alunos, queremos agradecer por seu compromisso com a formação das pedagogas e pedagogos, sempre embasada na educação como

ato político, amoroso, de esperança e ação. Retomamos as palavras da querida Maria Lucia, também professora de tantas e tantos, companheira de educação e luta, que, ao homenageá-la, homenageia também todos as professoras e professores que estiveram, estão e estarão em nós e conosco:

Elza Dely, professora e colega de tantos nós, aluna da primeira turma. Destaco todo trabalho, toda militância, resistência da mulher, a luta das mulheres, enfim, sempre com essa doçura articulada a uma firmeza radical, política e pedagógica, né, o grande encantamento... E assim sempre será. É importante essa homenagem. Nesse sentido, o que me passa a ideia dessa roda, é a verdadeira ideia mesmo, da ciranda, de tantos e tantas pessoas, conhecimentos, sentimentos, enfim, práticas de resistências da nossa diversidade, pluralidade. E essa roda permanece, permanecerá sempre em movimento vivo, não só aqui entre nós, mas na roda da vida, na roda da educação pública, em que nem sempre todos podem estar por diversos motivos. Nosso trabalho, nosso companheirismo, estão sempre nos fortalecendo.

Elza Dely, presente! Paulo Freire, presente! Hoje e sempre!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Ricardo. *19 poemas desengonçados*. São Paulo: Ática, 2019.

BILAC, Olavo. *As formigas*. BILAC, Olavo. *Poesias Infantis*. RJ: Francisco Alves. 1929. Disponível em: [https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documents/poesias\\_infantis\\_de\\_olavo\\_bilac-1.htm](https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documents/poesias_infantis_de_olavo_bilac-1.htm). Acesso: 23/05/2021.

CORAZZA, Sandra Mara. Pesquisa-ensino: o "hífen" da ligação necessária na formação docente. In *Professora-pesquisadora: uma práxis em construção*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EdUfba, 2008.

FREIRE, P. *Educação como Prática da Liberdade*. 14ª edição. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983a.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia do oprimido*. 12ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983b.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia do oprimido*. 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: OLHO d'água, 1997.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

\_\_\_\_\_. *A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam*. São Paulo, Cortez, 2003a.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003b.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da esperança. Um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 10 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003c.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

\_\_\_\_\_. *Direitos humanos e educação libertadora. Gestão democrática da educação pública na cidade de São Paulo*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, P; SHOR, I. *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*. 13ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GERALDI, J. W. *Aula como acontecimento*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo*. Edição Popular, 1963.

LIMA, M. E. C. de C; GERALDI, C. M. G; e GERALDI, J. W. O trabalho com narrativas na investigação em educação. In: *Educação em Revista*. Belo Horizonte, v.31, n.01, Janeiro-Março 2015. p.17-44.

UFERSA. *40 Horas na Memória: Resgate da Experiência dos Alunos de Paulo Freire em Angico/RN*. Universidade Federal Rural do Semi-Árido (Ufersa), TV Ufersa, 2016.

Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=PkN97kOriJc&t=217s>. Acesso: 23/05/2021.

VEREDA. Estudos de Educação. Centro de Referência Paulo Freire. *O Educador da Liberdade*. Transcrição. 1988b. Disponível em: <http://acervo.paulofreire.org:8080/xlmui/handle/7891/2483> Acesso: 23/05/2021.

---

<sup>i</sup> Marcia Maria e Silva é Professora Adjunta do Curso de Pedagogia da FEUFF, pesquisadora vinculada GELEDD/UFF e ao OIIIIPe, integra o PROIAC/UFF. Endereço: Rua Prof. Marcos Waldemar de Freitas Reis, s/n °, Bloco D, 4º andar, Campus do Gragoatá, Niterói, RJ, 24210-201, E-mail: [marciamaria@id.uff.br](mailto:marciamaria@id.uff.br)

Marta Maia é Professora Adjunta do Curso de Pedagogia da FEUFF, pesquisadora vinculada ao FIAR. Endereço: Rua Prof. Marcos Waldemar de Freitas Reis, s/n °, Bloco D, 4º andar, Campus do Gragoatá, Niterói, RJ, 24210-201. E-mail: [martamaia@id.uff.br](mailto:martamaia@id.uff.br)

Viviane Merlim Moraes é Professora Adjunta do Curso de Pedagogia da FEUFF, pesquisadora vinculada ao GRUPPE/UFF e ao NUARTTE/UFF. Endereço: Rua Prof. Marcos Waldemar de Freitas Reis, s/n °, Bloco D, 4º andar, Campus do Gragoatá, Niterói, RJ, 24210-201. E-mail: [vivianemerlim@id.uff.br](mailto:vivianemerlim@id.uff.br).

<sup>ii</sup> Breve biografia dos autores dos relatos constantes no texto:

Adriana Teixeira Lima: Formada em Pedagogia pela UFF. Professora e Pedagoga na Rede Municipal de Niterói;

Alessandro Câmara de Souza: Formado em Ciências Sociais pela UFF, Professor de Sociologia na Rede Estadual do RJ, Professor da área de Educação Especial na Rede Municipal de Niterói;

Ana Lúcia Tarouquella Schilke: Formada em Pedagogia pela UFF. Professora e Pedagoga na Rede Municipal de Niterói;

Andrea de Cássia Granzotto Antunes: Formada em Pedagogia pela UFF. Professora Orientadora Educacional na Rede Pública de Maricá, em atuação no NAIEFE (Núcleo de Atenção e Integração do Educando, Família e Escola) na Secretaria de Educação da prefeitura de Maricá;

Camila de Araújo Bacelar: Formada em Pedagogia pela UFF. Professora na Rede Municipal de Niterói;

Jorge Machado: Formado Pedagogia pela UFF. Pedagogo na Rede Municipal de Niterói;

Julianne Viana Guerra: Orientadora Educacional na Rede Municipal de Maricá e Mediadora à distância nas disciplinas de Pedagogia da UERJ;

Marcia Maria e Silva: Formada em Letras e Pedagogia pela UFF. Professora da FEUFF, foi Professora na Rede Estadual do RJ e Pedagoga na Rede Municipal de Niterói;

Margareth Martins de Araujo: Formada em Pedagogia pela UERJ. Professora da FEUFF e do PPG-UFF;

Maria Lucia: Formada em Pedagogia e em Licenciatura em Biologia. Professora aposentada da FEUFF;

Marineth Vitorino dos Santos: Formada em Pedagogia pela UFF. Pedagoga nas Redes Municipais de Niterói e Duque de Caxias;

Marisa de Luca: Formada em Pedagogia pela UFF. Professora na formação de professores no Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho na Rede Estadual do Rio de Janeiro;

Marta Maia: Formada em Pedagogia pela UFF. Professora da FEUFF, foi Professora e Pedagoga na Rede Municipal de Niterói;

Sandra Maciel: Formada em Pedagogia pela UFF. Professora da FEUFF;

Viviane Merlin Moraes: Formada em Pedagogia pela UFF. Professora da FEUFF, foi Professora e Pedagoga na Rede Municipal de Niterói.